

## INTERLOCUÇÕES CONCRETISTAS NA CENA DA VANGUARDA

Evelina Hoisel (UFBA/CNPq)

### RESUMO:

Com o objetivo de pensar algumas questões relacionadas ao tema “literatura, vanguarda, modernidade”, esta comunicação pretende desenvolver uma reflexão sobre o concretismo, movimento que promoveu uma ruptura nos padrões literários vigentes e na crítica da literatura e da arte, com forte repercussão no cenário nacional e internacional. Ao se constituir como uma vanguarda artística na década de 50 do século 20, exibindo os sintomas do esgotamento das formas poéticas tradicionais, e inserindo-se em uma conjuntura histórica marcada pela ideia “desenvolvimentista” que caracterizou o Brasil sob o governo de Juscelino Kubitschek (1956-60), o movimento concretista deixou um legado em diversos campos da cultura que ainda carece de estudos. No contexto dos anseios de modernização presentes na sociedade brasileira, Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari divulgam os diversos textos que configuram a teoria da poesia concreta, traçando inclusive o “Plano Piloto para Poesia Concreta”, publicado originalmente na revista Noigandres 4, em 1958, em São Paulo. Grande parte da produção teórica do concretismo traz a assinatura desses três poetas, que exerceram uma atividade teórica, crítica e de docência em instituições de ensino superior. Com o objetivo de situar a produção concretista no contexto das vanguardas do século XX, as reflexões a serem desenvolvidas no espaço desta comunicação pretendem investigar os diversos aspectos da produção desses três intelectuais, procurando flagrar as interlocuções e os entrelaçamentos das diversas práticas exercidas por estes atores culturais em diversos campos: da literatura (poesia), da teoria-crítica e da docência.

Palavras-chave: Poesia Concreta. Vanguarda. Interlocuções discursivas.

### 1 INTRODUÇÃO

Estudar a produção de Haroldo de Campos, de Augusto de Campos e de Décio Pignatari é uma tarefa gigantesca, considerando-se a amplitude da produção desses intelectuais brasileiros, fundadores do movimento concretista, na segunda metade do século 20. Além de uma vasta, complexa e polêmica criação poética, eles exerceram uma profícua atividade teórica, crítica, tradutória e de docência, que se estende por várias décadas, reconfigurando-se em constantes processos de recriação. Nestes campos do saber, eles inauguram posturas literárias e questões teóricas que rompem com os padrões instituídos, situando-se no cenário das vanguardas artísticas e críticas do século 20.

Com o objetivo de situar o concretismo no contexto das vanguardas no período em questão, as reflexões desenvolvidas neste espaço investigam a produção desses intelectuais, procurando flagrar as interlocuções e os entrelaçamentos das práticas culturais por eles exercidas, através da literatura (poesia), da teoria-crítica e da docência. Ao afirmarem que “todo poema autêntico é uma aventura – uma aventura planejada” (Pignatari, 2006, p. 19) e ao traçarem o “plano piloto da poesia concreta” através de manifestos e de textos teóricos e críticos que expõem as relações do concretismo com as vanguardas do século 20, textos estes reunidos na coletânea Teoria da poesia concreta - textos críticos e manifestos 1950-1960 (2006), Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari já anunciam a forte correlação entre a criação poética e a atividade teórico-crítica.

## 2 INTERLOCUÇÕES E ENTRELACEMENTOS

Esta relação tão explícita na produção desses intelectuais tem sido o foco principal de abordagem dos estudiosos do concretismo. Pignatari e os irmãos Campos, ao conceberem uma poesia que se edifica sob a perspectiva do construtivismo artístico “planejado”, projetam um traçado arquitetônico que solicita um diálogo com a produção poética, o qual se estabelece ainda como parâmetro para a leitura da própria poesia. Ao arquitetarem um plano piloto para a poesia, na considerada fase ortodoxa do concretismo, eles afirmam a intenção de conformar diversos poetas a um mesmo projeto estético.

Além de Augusto e de Haroldo de Campos e de Décio Pignatari, sabemos que outros poetas brasileiros e estrangeiros integraram-se a este projeto, como Ronaldo Azevedo, Ferreira Gullar, Wladimir Dias Pino, José Lino Grünwald, Cassiano Ricardo, Waldemar Cordeiro, Max Bense. Todavia, sabemos também que as diferenças existiram entre estas produções, mesmo na fase ortodoxa do movimento, rompendo-se, desse modo, com os parâmetros estabelecidos pela teoria da poesia concreta, enquanto poética de programação. Em decorrência dessa ruptura e da diversidade dessa produção, Antonio Risério (1998, p.74) afirma que “não há dúvida de que a via única e exclusiva foi um sonho acalentado seriamente pelos concretistas, que chegaram a pensar,

inclusive, na dissolução das individualidades poéticas diante da clareza solar de um projeto coletivo.”

Interessa-nos demarcar o lugar que Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari ocupam na cultura brasileira como poetas de vanguarda, teóricos – inclusive como teóricos da tradução – críticos literários, pensadores da cultura, com contundentes e ousadas intervenções culturais, e como docentes (condição esta relacionada a Haroldo de Campos e Décio Pignatari, vez que Augusto de Campos não esteve vinculado a uma instituições de ensino superior no Brasil, tendo sido apenas professor visitante no estrangeiro). Ao refletir sobre a condição de intelectual múltiplo de Haroldo de Campos, Luiz Costa Lima, em seu ensaio “Haroldo, o multiplicador” (2005, p.120), uma espécie de esboço biográfico sobre o autor das Galáxias, destaca que todas as atividades às quais ele se dedicou foram “guiadas pelo mesmo princípio da experimentação”, mostrando como o risco, o excesso, o limite são as marcas do seu percurso intelectual.

A afirmação de Costa Lima pode ser expandida para caracterizar o atuação desses três intelectuais múltiplos, nas suas práticas de poetas, de teóricos e de críticos da literatura e da cultura, bem como na docência. Talvez a condição de artistas criadores de poetas de vanguardas tenha propiciado a esses atores a liberdade para pensar a literatura e construir conceitos teóricos, críticos e pedagógicos guiados pelo mesmo princípio da experimentação, ainda que possam ser observadas também as singularidades dos seus projetos individuais.

Os textos que compõem a Teoria da poesia concreta – originalmente publicados em jornais, em suplementos literários, nas revistas Noigandres (principal veículo de divulgação do grupo), nas revistas ad: arte e decoração e Invenção – exibem de forma recorrente os ideais estéticos de uma poesia autônoma, regida pelo obstinado rigor geométrico da matemática da composição, como característica da neovanguarda dos anos de 1950. Estes textos explicitam claramente as relações da poesia concreta com as vanguardas históricas do início do século 20, como o futurismo e o dadaísmo. Os autores que constituem o paideuma dos concretistas são constantemente referenciados, destacando-se: Mallarmé (Um lance de dados, com as suas subdivisões prismáticas das ideias), Ezra Pound (o arcabouço do ideograma d’Os Cantos), James Joyce (o micro-macrocosmo do Finnegans Wake), Cummings (atomização da palavra), Apollinaire

(radicalização do método ideográfico), Fenollosa, Oswald de Andrade (em comprimidos, minutos de poesia), João Cabral de Melo Neto (economia e arquitetura funcional do verso – O engenheiro, Psicologia da composição e Antide ). Além desses autores, citam-se constantemente a música serial eletrônica de Pierre Boulez, Anton Webern, Stockhausen, a pintura de Alfred Volpi e Mondrian e a escultura de Calder.

Com este paideuma, os concretistas recusavam a valorização da tradição literária segundo suas linhas dominantes e estabilizadoras, encontrando no não-representativo e nas margens uma atitude nova e radical ante a linguagem. Desta perspectiva, eles alteraram as diretrizes através das quais se organizavam as vanguardas do início do século 20, deslocando os critérios cronológicos e o ordenamento por “ismos” ou autores. Buscando uma tradição diversa, propuseram uma tradição fora da norma – uma antitradição - questão esta que norteará as reflexões de Haroldo de Campos (1992) no ensaio “Da razão antropofágica. diálogo e diferença na cultura brasileira”. Para Haroldo de Campos, o início da literatura Brasileira se efetua no Barroco, com o poeta Gregório de Matos, que constitui um dos elementos do tripé da tradição antinormativa – ou da antitradição – composta ainda pela antropofagia e pelo próprio movimento concreto.

Embora o elenco de autores citados seja heterogêneo, os eixos de seleção do paideuma anunciam a superação do verso, a busca de uma linguagem que se estabelece fora da linearidade da lógica discursiva aristotélica. Ao definirem o poema como “composição de elementos básicos da linguagem, organizados ótico-acusticamente no espaço gráfico por fatores de proximidade e semelhança, como uma espécie de ideograma para uma dada emoção, visando a apresentação direta – presentificação – do objeto” (2006, p.75), os concretistas rompem com o desenvolvimento “temporístico linear” da linguagem verbal lógico discursiva, transformando o espaço gráfico em agente estrutural do poema, apelando para um método de compor analógico, ideogramático, feito através de montagens.

Com estas características, pode-se compreender a dimensão reordenadora da linguagem poética contida no plano piloto, em suas diversas nuances. No plano do nacional, executa-se uma desprovincianização intelectual, trazendo para o cenário da nossa cultura – uma cultura que começava a se afirmar como cosmopolita – temas e teses dos mais variados campos do saber: cibernética, semiologia, teoria da informação,



linguística, publicidade, meios de comunicação de massa. Por outro lado, como afirma Antonio Risério, em seu Ensaio sobre o texto poético em contexto digital (1998, p. 77), “a teoria concretista foi uma afirmação libertária eloquente, gritando a independência do poeta diante da imposição de ideologias teóricas e práticas de inspiração marxista.”

A neovanguarda que eclode nos anos 1950-1960 reacende o vigor das vanguardas históricas do início do século 20, mas desloca o caráter incendiário desses movimentos – dadaísmo, futurismo, surrealismo, criacionismo, construtivismo – os quais pretendiam destruir a herança do passado artístico imediato. Às formulações caóticas e às pirotecnias verbais dos diversos “ismos” vanguardistas, o plano piloto superpõe o rigor laboratorial, o fogo da invenção através da racionalidade construtivista e matemática. Como destaca Gonzalo Aguilar em seu amplo e minucioso estudo sobre A poesia concreta brasileira: as vanguardas na encruzilhada modernista (2005, p. 70), os poetas concretos – como fizeram seus antecessores – reuniram-se em grupos, escreveram manifestos, privilegiaram as práticas coletivas e apostaram em um programa de mudança. Entretanto, seus modos de intervenção diferiram drasticamente dos utilizados pelos movimentos do princípio do século 20. A atitude com a qual os poetas concretos se aproximaram do arquivo não se alimentava das práticas do escândalo, mas de uma crítica sistematizadora que tinha em Ezra Pound, na escola de vanguarda Bauhaus e nos artistas holandeses Piet Mondrian ou Van Doesburg.

Em última instância, em contraposição às posturas niilistas e destrutivas dos movimentos dos anos 20, os concretistas afirmavam que vanguarda significa um ponto de vista sincrônico e atualizador do passado.

Além da forte interlocução que estabelece com as vanguardas artísticas do início do século 20, a proposta concretista se constitui também dialogando com correntes do pensamento que repercutem de forma vigorosa e profícua nas teorias contemporâneas, como a desconstrução e o descentramento do fonologocentrismo, configurado por Jacques Derrida e tantos outros pensadores denominados pós-estruturalistas.

Derrida (1997) denuncia os fundamentos do cérebro ocidental, bem como os diversos centramentos operados ao longo da história da filosofia, desde Platão até o século 19. Reverte aquilo que ele denomina de rebaixamento da escrita, operado na civilização ocidental pelo centramento na fala (phoné), considerada como forma privilegiada pela

metafísica da presença, por sua proximidade com o logos. Abalar a fala, expondo os seus comprometimentos com o pensamento teleológico e totalizador de herança platônica, significa reverter a metafísica da presença, liberar a ambiguidade constitutiva da escrita, e desrecalcar a escrita dos aprisionamentos da representação clássica.

As poéticas de vanguarda e a neovanguarda concretista colocam em suspensão os esquemas representativos da tradição clássica, herdados através do realismo do século 19, promovendo a crise da representação. No “Plano piloto da poesia concreta” ao se declarar que “o poema concreto comunica a sua própria estrutura: estrutura-conteúdo. O poema concreto é um objeto em si e por si, não um intérprete de objetos exteriores e /ou sensações mais ou menos subjetivas” (2006 p. 216), desconstrói –se o caráter fonologocêntrico da linguagem verbal e da metafísica da presença, em proveito de “uma área linguística específica – ‘verbivocovisual’ – que participa das vantagens da comunicação não verbal” (2006, p. 216).

Assim, pode-se compreender a dimensão que passa a ter, no paideuma concretista, a introdução do nome de Stéphane Mallarmé, “o mestre da poética da escrita”, por privilegiar o emprego funcional do papel em branco e os espaçamentos que dispõem aleatoriamente a tipografia na página em branco, as letras dispostas no papel, aspectos estes redimensionados pelas experimentações futuristas e dadaístas, passando pelas cintilações tipográficas de Cummings, pelo verbivocovisual de Joyce e pela lógica da ideografia chinesa. Todos esses traçados promovem a crítica da lógica discursiva aristotélica, revertendo a linearidade temporística da fala (da fhone). Saliente-se, todavia, que este gesto que questiona os fundamentos do fonologocentrismo metafísico não foi uma luta contra a lógica, já que o poema concreto demanda o obstinado rigor matemático. Trata-se de um gesto que abala a sintaxe e uma lógica que lhe servia de argamassa.

Dessa perspectiva, a práxis concretista empreende também uma crítica aos surrealistas, considerando-os conservadores, vez que eles atacavam a lógica, deixando intacta a sintaxe. E, de acordo com Augusto de Campos, o concretismo pretendia a superação do “agrilhamento formal sintático-silogístico,” no sentido de substituir a lógica sintática pela lógica ideogrâmica. Estas questões perpassam os diversos arquivos que constituem os manifestos da teoria da poesia concreta, ampliadas através dos vários ensaios da

coletânea organizada por Haroldo de Campos, intitulada: Ideograma: lógica, poesia linguagem. (1977). Ensaios teóricos produzidos em outros espaços que não os dos manifestos ratificam essa práxis teórico-crítica em constante interlocução com a criação poética, como o ensaio “Um lance de ‘dês’ do grande sertão”, de Augusto de Campos (1978), investindo nas subdivisões prismáticas das ideias disseminadas no texto rosiano, ou o ensaio de Haroldo de Campos “Estilística Miramarina” (1992), no qual destaca a construção cubofuturista plástico-estilística do texto de Oswald de Andrade.

Desse modo, o poeta concreto torna-se um designer de signos, um designer ou performer da linguagem, como define Décio Pignatari (2008), associando visualidade da escrita e revolução estética: dinamita-se a frase, o encadeamento sintagmático, para construir ideogramas, textos compostos pela justaposição de signos associados. Nesse sentido, a linguagem poética enxerta-se com signos da publicidade e do desenho industrial – uma das potentes interlocuções concretistas, tendo sido a publicidade mais uma profícua atuação de Décio Pignatari, como componente do grupo. Os procedimentos e as tecnologias oriundas da sociedade industrial e dos meios de comunicação de massa e dos anúncios publicitários são apropriados e repercutem em poemas como “cidade”, “luxo/lixo”, “babe cola”, “cloaca”, “disenfórmio”. A literatura desloca-se do espaço do livro e da biblioteca, vai para os museus e também circula através de revistas de arquitetura e desenho industrial, como a revista ad. arte e decoração. A concreção da palavra, o signo verbal tornado objeto visual e tátil, executa a reversão do fonocentrismo, retirando a escrita da sua condição de mera transcrição da fala e de cópia degradada e distante do logos – pharmakon que se oferece como veneno. Para o grupo Noigandres, estas operações têm um caráter didático. No manifesto “arte concreta: objeto e objetivo”, publicado originalmente na revista ad – arquitetura e decoração (nov/dez 1956) e republicado no Correio da Manhã (6.2.1957) e no “Suplemento Dominical” do Jornal do Brasil (21.4.1957), Décio Pignatari ratifica o interesse do concretismo por todas as manifestações visuais – pela “lógica do olho” – como as descobertas em uma fachada de uma tinturaria popular, os anúncios luminosos, as pinturas de Volpi e Mondrian, afirmando o caráter didático-pedagógico da poesia concreta. Ressalta Pignatari (2006, p.63) nas suas considerações sobre a exposição da poesia concreta:

Pela primeira vez, os concretistas brasileiros têm a oportunidade de se reunir como presença imediata de realização e como postulação de princípios [...] A mostra de poesia concreta tem um caráter quase didático: fases da evolução formal, passagem do verso ao ideograma, do ritmo linear ao ritmo espacio-temporal: novas condições para novas estruturas da linguagem, esta relação de elementos verbivocovisuais – como diria Joyce.

A postura didático-pedagógica estabelece-se como traço que se entrelaça na própria criação poética concretista, mas ela também se expande para outros espaços, a partir da atuação docente desses intelectuais, vinculados a instituições de ensino superior, através das quais disseminam as suas ideias e realizam uma produtiva atividade pedagógica.

### 3 CONCLUSÃO

As questões pedagógicas ainda não foram suficientemente consideradas pela crítica do concretismo. Este aspecto, todavia, é crucial do ponto de vista dos objetivos desta pesquisa, tendo em vista o momento histórico da atuação acadêmica desses professores-poetas ou poetas-professores, em situação limiar no que diz respeito à emergência dessa figura no contexto institucional e acadêmico dos anos de 1960 e 1970.

Haroldo de Campos ingressa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 1973, como professor do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Semiótica. Além da docência exercida na PUC/SP, foi também professor visitante em diversas universidades estrangeiras, como na Universidade de Yale, em New Haven (1978), do Texas em Austin (em 1971 e em 1981) e de Stuttgart.

Décio Pignatari, no período entre 1962 e 1964, foi professor na Escola Superior de Desenho Industrial do Rio de Janeiro. Em 1967, ingressa como Professor de Teoria da Literatura da Pós-Graduação da PUC /SP e, nesta mesma Instituição, ministra aulas de Comunicação e Semiótica. De 1974 a 1994 é Professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo. Foi também publicitário e planejador de lay-outs.

Desse modo, esses poetas-professores possibilitam flagrar os modos de representação do intelectual múltiplo nos espaços acadêmicos, no momento em que determinadas forças institucionais propiciam a emergência e o desempenho dessa figura nos espaços das universidades brasileiras. Pode-se considerar que a introdução da Teoria da



Literatura nos Currículos dos Cursos de Letras seja um elemento importante para o aparecimento dessa personalidade literária, pois evidencia a criação de uma mentalidade de scholarship no ensino da literatura, – como também da Linguística e demais ciências da linguagem, como a Semiologia/Semiótica – que passou a ocupar um espaço cada vez maior nos Cursos de Letras do país, inclusive com a criação dos cursos de pós-graduação também neste período.

O espaço da docência torna-se uma espécie de laboratório de produção de teorias-críticas e de criação poética, colocando em interlocução as múltiplas vozes desses atores, tecendo os diversos fios de um saber nômade, em constantes migrações discursivas. As questões teóricas e críticas, as questões tradutórias e pedagógicas se enlaçam como acontecimentos polifônicos.

Em depoimento sobre a experiência pedagógica de Haroldo de Campos na Universidade do Texas (Austin), Charles A. Perrone (2013) confirma a disseminação das interlocuções concretistas a nível internacional, evidenciando como as teorias tradutórias refletiam-se na práxis acadêmica, cujos alunos eram motivados a realizar traduções de textos da literatura brasileira, como trabalho final das disciplinas, a exemplo das traduções de Memórias sentimentais de João Miramar e de Serafim Ponte Grande. Perrone participou dos diversos cursos ministrados por Haroldo de Campos, na graduação e na pós-graduação, e acompanhou o processo de criação dos quinze poemas da “Austineia Desvairada – A Educação dos cinco sentidos”, evidenciando como estes quinze poemas foram escritos ao longo da permanência das quinze semanas (um semestre americano) de Haroldo na Universidade de Austin. Charles Perrone anexa ao seu texto-depoimento “Laudas, lances lendas e lembranças: Haroldo na Austineia desvairada” (2013, p. 41-64) os programas das disciplinas distribuídos aos estudantes, através dos quais podemos constatar que as preocupações teóricas, críticas e tradutórias se expandem através da docência em território estrangeiro. O programa de “Semiologia da evolução literária: o modelo Barroco e sua produtividade na poesia brasileira”, por exemplo, estampa uma das principais preocupações do professor-poeta, que elege o Barroco como o nascer da literatura brasileira, revertendo a historiografia estabelecida e incluindo o concretismo na linha evolutiva do poeta Gregório de Matos e Guerra.

Do mesmo modo, as idas de Haroldo e Augusto à Universidade de Stuttgart (Alemanha) e o estreitamento dos laços com Max Bense expõem os trânsitos teóricos e tradutórios que colocam em interlocução o Brasil, em vigoroso processo desenvolvimentista, e as universidades estrangeiras: este gesto interlocutório mobiliza as forças de criação dos poetas do concretismo, bem como as questões teóricas, críticas e tradutórias que fundamentavam o pensamento dos concretistas enquanto movimento de (neo)vanguarda na segunda metade do século 20.

#### REFERÊNCIAS

- AGUILAR, Gonzalo. **Poesia concreta brasileira**. As vanguardas na encruzilhada modernista. São Paulo: EDUSP, 2005.
- CAMPOS, Augusto; CAMPOS, Haroldo; PIGNATARI, Décio. **Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960**. Cotia/São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.
- CAMPOS, Augusto. **Poesia, antipoesia, antropofagia**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1978.
- CAMPOS, Haroldo (Org.). **Ideograma: lógica, poesia, linguagem**. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1977.
- CAMPOS, Haroldo. **Metalinguagem e outras metas**. 4ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992. p. 231-256.
- DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. Trad. Rogério Costa. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- LIMA, Luiz Costa. **Haroldo, o multiplicador**. In: MOTTA, L.T. da (Org.) Céu acima: para um tombeau de Haroldo de Campos. São Paulo: Perspectiva, 2005. P. 119-130.
- PERRONE, Charles A. **Laudas, lances, lendas e lembranças: Haroldo na Austineia Desvairada**. In: TRANSLUMINURA, revista de estética e literatura. Nº 1. São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, Casa das Rosas. 2013. p. 41-64. Acessado em setembro 2014 <[issuu.com/casadasrosas/docs/transluminurak1](http://issuu.com/casadasrosas/docs/transluminurak1)>
- PIGNATARI, Décio. **Informação, linguagem, comunicação**. 29 ed. Cotia/São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
- RISÉRIO, Antonio. **Ensaio sobre o texto poético em contexto digital**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; COPENE, 1998. (Col. Casa de Palavras)